

Nedson Moreira Batista

---

# DEUS:

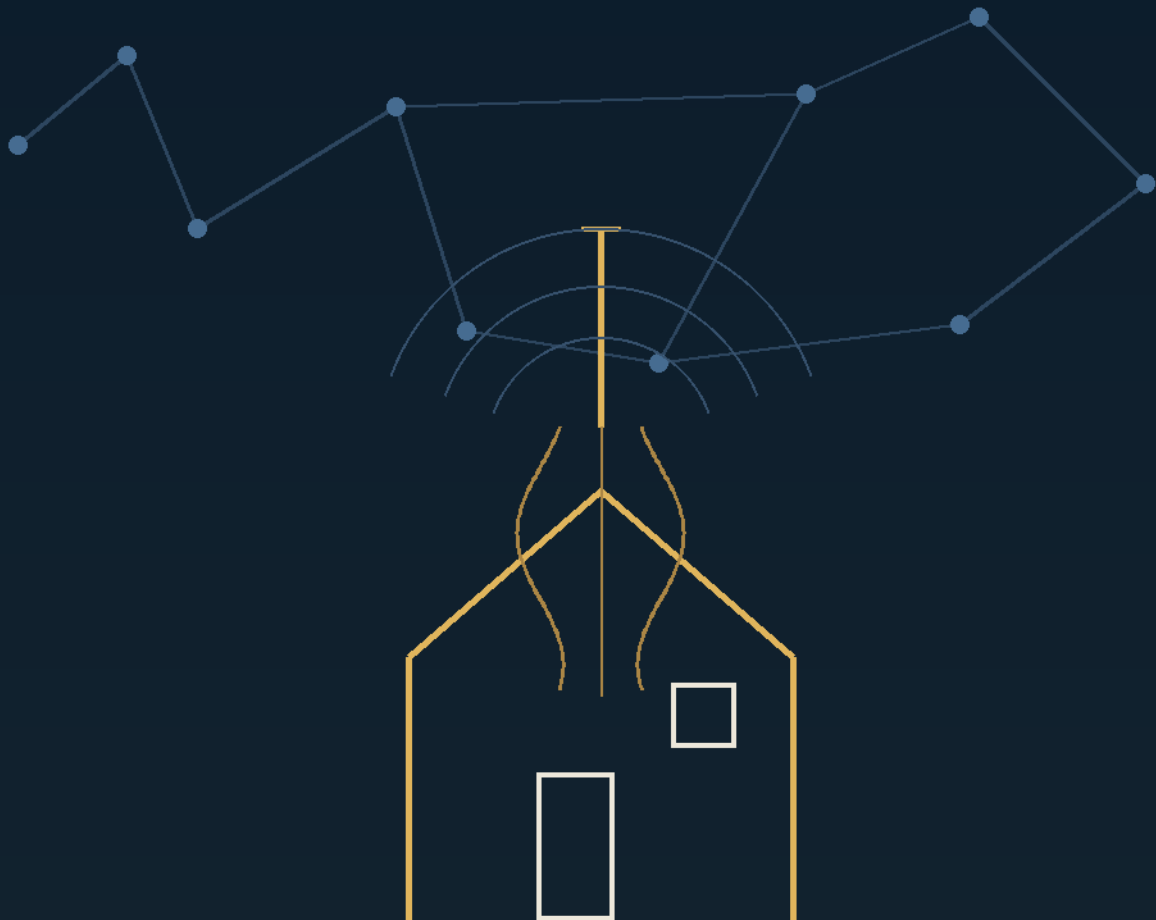
## COMO EU TE OBSERVO

VOLUME IX

### SIM, SOMOS ÚTEIS

*Existência, relação e o sentido de participar da vida*

*O comércio da emoção e a falsa totalidade dos recortes*



*“Tudo que eu peço ao Senhor é que me faça útil.”*

---

# DEUS: COMO EU TE OBSERVO

## VOLUME IX - SIM, SOMOS ÚTEIS

*Existência, relação e o sentido de participar da vida*

O comércio da emoção e a falsa totalidade dos recortes

Nedson Moreira Batista

Monte Mor - São Paulo - Brasil · 2026

## Nota de preservação autoral

Este Volume IX reúne os dois caminhos de edição anteriores e retorna à direção autoral da série. A Voz I permanece no centro. Quando alguma precisão científica ou conceitual é necessária, a correção nasce primeiro dentro da própria oração, como amadurecimento do pensamento, e não como uma voz externa que entra para repreendê-la.

A Voz II é o mesmo autor depois da experiência. Ela amplia, aproxima ciência, filosofia, linguagem e memória. Grandes pensadores aparecem como interlocutores, nunca como juízes da oração. Se houver convergência, ela é mostrada. Se houver diferença, o autor conserva o direito de pensar a partir da própria trajetória.

A Voz III usa a Teoria da Compressão da Ignorância e da Perturbação Sistêmica (TCI), de Nedson Moreira Batista, como nota de método. Ela formaliza apenas o necessário: relação, função, contexto, emergência, persistência causal, observador e incompletude.

Neste livro, utilidade é existencial e relacional. Não significa preço, produtividade nem medida de dignidade. Significa participação: uma existência entra em relações, recebe e produz efeitos, sustenta funções, abre possibilidades e pode fazer diferença em sistemas humanos, naturais, técnicos e simbólicos.

Quando o texto fala em propósito, a palavra é assumida no campo existencial, filosófico e de fé. A ciência oferece bases sólidas para falar de função, causalidade, sistemas, interdependência e possibilidades de ação; não é apresentada aqui como prova de uma finalidade metafísica universal previamente inscrita em cada coisa. Essa distinção preserva a força da oração sem pedir à ciência aquilo que ela não mede.

“Comércio da emoção” é uma expressão autoral para a transformação de experiências humanas complexas em recortes simples, repetíveis e vendáveis como se fossem a totalidade. O alvo da crítica é a compressão que esconde sua perda de contexto, não a existência de livros, cursos, profissionais ou trabalhos em si.

*“Tudo que eu peço ao Senhor é que me faça útil.”*

— Nedson Moreira Batista

## **As três vozes no Volume IX**

### **A VOZ I - PENSAMENTO**

É a oração enquanto ainda acontece. Tem poesia, irritação, memória, fé, uma mesa, um violão, uma gota de chuva, a casa e as pessoas que atravessam os dias. Quando o pensamento precisa ganhar precisão, ele amadurece dentro da própria Voz I. A oração não é colocada diante de um tribunal.

### **A VOZ II - O AUTOR**

É o mesmo observador depois. Ele aproxima Aristóteles, Heidegger, Gibson, Buber, Frankl, Freud, Bertalanffy e outros autores quando isso amplia a cena. A função dessa voz é acompanhar a essencialidade do pensamento, oferecer linguagem, ciência e contexto, e preservar a autoria mesmo quando o autor escolhe divergir de um grande nome.

### **A VOZ III - A TCI**

É breve e formal. Utilidade aparece como relação entre existência, sistema, tempo e observador. O modelo nunca substitui a oração. Ele serve para mostrar que uma função pode ser real sem ser totalidade, que um recorte pode ser útil sem conter a obra inteira e que sistemas produzem propriedades pela interação de suas partes.

## **Prefácio - Antes de voltar à cabana**

Eu tinha terminado o Volume VIII olhando para o hoje. O mundo acontecia em milhares de lugares ao mesmo tempo, e por alguns minutos minha história deixou de ocupar todo o campo de observação. Depois eu voltei para mim.

Voltei com uma pergunta: o que faço com os meus hoje para que a vida que eu encontrar daqui a dez anos reconheça alguma coisa daquilo que eu construí agora? Logo depois veio outra, mais íntima: qual é a minha utilidade para o mundo que realmente me alcança?

A palavra me incomodou porque ela parece ter sido empurrada para um lugar frio. Útil virou preço, ferramenta, produtividade, função que se descarta. Eu não estava falando disso. Eu lembrava de pessoas que me esperaram porque eu sabia fazer alguma coisa. Lembrava de vezes em que eu esperei alguém porque precisava do que aquela pessoa sabia. Lembrava do abraço do meu filho, de uma música, de uma mesa, de uma janela, do jardim.

Então olhei para um violão.

Ele estava em silêncio. Mesmo assim a música permanecia como possibilidade. A madeira, a corda, a tensão, a mão, o ar, o ouvido e a memória ainda podiam se encontrar. O instrumento me ofereceu uma imagem que eu não precisava inventar: existir não significa fazer tudo; significa poder participar de alguma relação em que algo acontece.

Foi desse ponto que nasceu também minha crítica ao comércio da emoção. Eu vejo recortes de vidas, de livros e de grandes pensadores circulando como se fossem inteiros. Uma frase pode conter verdade. O problema aparece quando a verdade parcial recebe o direito de se comportar como totalidade.

Este livro junta essas duas inquietações. Quero falar de utilidade como existência em relação. E quero falar de recortes que vendem uma parte da realidade acompanhada da promessa de que já não precisamos olhar o restante.

Eu quero ciência, mas não uma ciência usada como martelo contra a oração. Quero filosofia, mas não filósofos usados como carimbo. Quero racionalidade, mas com madeira fria sob os dedos, uma corda vibrando e alguma melodia tentando nascer.

Antes de voltar à cabana, eu precisava ficar aqui.

## Sumário

### **PARTE I - EXISTIR EM RELAÇÃO**

Capítulo 1 - Todos os meus hoje

Capítulo 2 - Eu fui útil

Capítulo 3 - A palavra útil

Capítulo 4 - O violão e a música possível

### **PARTE II - UMA CASA ONDE TUDO PARTICIPA**

Capítulo 5 - O abraço, a breguice e o fazer falta

Capítulo 6 - Uma casa onde tudo participa

### **PARTE III - O COMÉRCIO DA EMOÇÃO**

Capítulo 7 - Quando a emoção vira mercadoria

Capítulo 8 - Freud inteiro não cabe num corte de vídeo

Capítulo 9 - Os pensadores não precisam concordar comigo

### **PARTE IV - A UTILIDADE DO QUE EXISTE**

Capítulo 10 - A utilidade no caos

Capítulo 11 - O mundo que realmente me alcança

Capítulo 12 - Faça-me útil

Epílogo - A música possível

Caderno conceitual - Utilidade existencial, ciência e TCI

Referências

Sobre o autor

## PARTE I - EXISTIR EM RELAÇÃO

*A palavra útil deixa de ser preço e volta a significar participação.*

## CAPÍTULO 1

**Todos os meus hoje**

## VOZ I · PENSAMENTO

*Senhor meu Deus, eu estou novamente aqui.*

*Depois de presenciar tantas vidas acontecendo ao mesmo tempo, eu volto para mim. Volto para as minhas dores, para as minhas dificuldades, para o que ainda está aberto. No volume anterior eu fiquei repetindo que amanhã será hoje. Depois de amanhã será hoje. Daqui um mês será hoje. Daqui um ano será hoje. E agora essa frase me trouxe uma pergunta que parece menor, mas não é: o que eu posso fazer hoje para que os meus próximos hoje se aproximem daquilo que eu lutei para construir?*

*Eu não quero chegar daqui a dez anos e me cobrar uma onisciência que eu nunca tive. Quero olhar para trás e reconhecer que, com aquilo que eu sabia, com aquilo que eu tinha nas mãos, eu participei. Nada mais. Nada menos. Fiz a ligação que precisava fazer. Estudei quando precisava estudar. Trabalhei quando precisava trabalhar. Descansei quando o corpo não aguentava mais. Abracei quando a palavra era pequena demais. Escrevi quando a escrita ainda estava viva.*

*Uma semente não manda na chuva. Mesmo assim existe diferença entre plantá-la e deixá-la para sempre dentro do pacote. Uma página não domina o livro. Ainda assim um livro não nasce sem páginas. Eu não domino o futuro, Pai. Mas eu também não quero me declarar ausente dele.*

*Talvez seja isso que o hoje está me ensinando: eu não preciso possuir a trajetória para participar dela.*

## VOZ II · O AUTOR

Quando releio essa oração, percebo que a utilidade já aparece antes de a palavra ser discutida. Ela aparece como participação. Uma ação presente não carrega o futuro dentro de si, mas muda o conjunto de possibilidades que poderão existir depois.

É uma ideia muito próxima do que a ciência observa em sistemas dinâmicos: pequenas entradas podem alterar trajetórias sem determinar integralmente o resultado. O gesto de plantar não fabrica a chuva, mas reorganiza o campo de possibilidades. É aqui que o meu “hoje” deixa de ser apenas calendário e vira ponto de intervenção.

Eu não quero uma filosofia que me prometa domínio. Quero uma linguagem que me devolva participação.

## VOZ III · A TCI

Na TCI, o agente age a partir de  $M(t)$ , sempre incompleto. A ação  $a(t)$  entra na trajetória como perturbação produzida pelo próprio observador. Ela não contém  $R(t+n)$ , porém altera possibilidades de atualização. O hoje não é o futuro; é o ponto em que posso tocá-lo sem possuí-lo.

## CAPÍTULO 2

**Eu fui útil**

## VOZ I · PENSAMENTO

*Pai, eu me lembro de todas as vezes em que cheguei ao trabalho e alguém me esperava porque eu era útil.*

*Útil para uma apuração fiscal. Útil para uma auditoria. Útil para resolver um problema de tecnologia. Útil para criar um sistema. Útil para entender uma falha que estava travando uma empresa. Útil para pegar aquilo que parecia espalhado e devolver alguma forma de organização. Em alguns dias eu sabia a resposta. Em outros eu precisei procurar. Em outros eu só consegui fazer a pergunta certa.*

*E isso me dava uma sensação muito particular de existência. Eu chegava e havia alguma coisa que podia ser feita por mim. Não porque eu fosse insubstituível. Eu nunca precisei ser. Era suficiente saber que, naquele momento, aquilo que eu tinha aprendido encontrava uma necessidade real.*

*Também houve dias em que eu fui o que precisava. Precisei do médico, do mecânico, do professor, do amigo, de quem sabia uma coisa que eu não sabia. Precisei de alguém que atendesse um telefone, que abrisse uma porta, que dissesse “eu vejo isso com você”.*

*Talvez por isso me incomode tanto essa vergonha moderna de precisar. Eu quero ser alguém que acrescenta. E quero continuar humilde o suficiente para reconhecer que muita coisa em mim existe porque outras pessoas também acrescentaram alguma coisa.*

## VOZ II · O AUTOR

A experiência profissional deixa a palavra “útil” concreta. Em qualquer organização real, conhecimentos e capacidades se encontram: alguém mede, alguém calcula, alguém executa, alguém revisa, alguém decide. A Teoria Geral dos Sistemas de Ludwig von Bertalanffy nasceu justamente da recusa em compreender organismos e organizações apenas como soma de peças isoladas; relações e organização alteram o comportamento do todo.

Mas o ponto que me interessa aqui não termina no trabalho. Eu reconheço no trabalho uma forma evidente de participação e, a partir dela, percebo outras: ensinar, escutar, criar, cuidar, tocar, lembrar, sustentar. A utilidade que estou procurando não é uma tabela de produtividade. É a experiência de perceber que uma existência entrou numa relação e alguma possibilidade apareceu por causa disso.

Essa ideia não me diminui. Ao contrário, me devolve ao mundo.

## VOZ III · A TCI

*Podemos escrever  $U(x,S,t)$  como contribuição atual ou potencial de  $x$  em um sistema  $S$  no tempo  $t$ .  $U$  varia com contexto e relação. Não mede a totalidade de  $x$ . A função é uma propriedade acessível do sistema; a existência permanece maior que a função observada.*

## CAPÍTULO 3

## A palavra útil

## VOZ I · PENSAMENTO

*Hoje eu quero olhar para essa palavra sem medo, Senhor.*

*Útil.*

*Eu sei que ela foi estreitada. Em alguns lugares ela parece sinônimo de ferramenta, salário, rendimento, aquilo que serve enquanto entrega alguma coisa e depois pode ser substituído. Só que não é essa palavra que estou tentando recuperar.*

*Quando eu digo que todos somos úteis, eu estou falando de existência em relação. Talvez alguém não tenha dinheiro. Talvez não tenha casa, carro, cargo ou diploma. Ainda assim pode ter presença. Pode notar. Pode compreender. Pode ouvir. Pode ensinar uma coisa simples. Pode fazer alguém rir. Pode ocupar uma cadeira numa mesa e, só por estar ali, mudar a temperatura daquela noite.*

*Eu não sou uma ameba. E mesmo uma ameba participa de alguma realidade. Uma bactéria participa. Uma raiz participa. Uma pedra no caminho pode sustentar um pé, desviar água, marcar um limite. A mesma pedra em outro lugar pode não fazer nenhuma dessas coisas. O que muda é a relação.*

*É isso que eu quero dizer quando afirmo que a utilidade é existencial. Existir abre possibilidade de participação. Eu não preciso conhecer todas as funções de algo para admitir que, ao entrar em relações, aquilo pode produzir efeitos.*

*E quando eu falo em propósito, eu quero ser preciso sem perder minha fé. Eu não estou pedindo que um microscópio encontre uma finalidade metafísica escrita dentro de cada coisa. Estou falando do propósito vivido: aquilo para o qual uma presença pode contribuir, aquilo que se torna possível porque ela está ali.*

*Na minha visão de mundo, nada precisa ser tratado como absolutamente estéril só porque eu ainda não compreendi sua relação.*

## VOZ II · O AUTOR

Essa é a definição que faltava ao livro anterior. “Utilidade” aqui não pretende provar que cada ente foi criado com uma finalidade científica previamente demonstrável. Ciência trabalha melhor com função, causalidade, organização, relação e possibilidades de ação. A palavra “propósito”, quando eu a uso, carrega também uma camada filosófica e de fé.

A psicologia ecológica de James J. Gibson oferece uma ponte interessante. Seu conceito de affordance descreve possibilidades de ação que aparecem na relação entre ambiente e organismo: uma superfície pode oferecer apoio; um objeto pode oferecer apreensão; uma passagem pode oferecer travessia. A possibilidade não fica inteiramente no objeto nem inteiramente no observador. Ela emerge da relação.

Heidegger, por outro caminho, descreveu utensílios como coisas que aparecem dentro de redes de referência: a caneta remete ao papel, o papel à mesa, a mesa à atividade. Eu não preciso adotar todo o sistema de Heidegger para reconhecer a beleza dessa intuição: muitas coisas se revelam no modo como participam de um mundo.

Minha tese é minha: existir é estar aberto a relações; relações podem revelar funções, efeitos e possibilidades. É nesse sentido que eu digo, sem medo, “somos úteis”.

## VOZ III · A TCI

Na TCI,  $U(x,S,t)$  não é essência isolada nem valor absoluto. É propriedade relacional: o conjunto de efeitos ou possibilidades que  $x$  pode oferecer, receber ou sustentar dentro de  $S$  em  $t$ . O modelo de função é sempre parcial:  $M_U(x) \subset M(x) \subset R(x)$ .

## CAPÍTULO 4

# O violão e a música possível

### VOZ I · PENSAMENTO

*Tem um violão encostado na parede, Pai.*

*Enquanto ninguém toca, existe silêncio. Eu olho para ele e o silêncio não me convence de que a música deixou de existir como possibilidade.*

*Eu pego o instrumento. A madeira está fria. A ponta do dedo encontra a corda e sente resistência. Aperto uma casa. A outra mão toca. A corda vibra. O corpo do violão recebe aquela vibração e a devolve maior. O ar participa. Meu ouvido recebe. Meu cérebro reconhece. Minha memória abre uma porta e, de repente, eu não estou apenas ouvindo uma frequência. Eu lembro de uma tarde, de uma pessoa, de uma música que cantei quando ainda não conhecia metade das dores que conheço hoje.*

*Quanta coisa precisou participar para esse instante existir?*

*A árvore. A madeira. A corda. A tensão. A mão. O ar. O ouvido. A memória. O silêncio anterior.*

*Nenhuma dessas partes precisa gritar que é a música inteira. Ainda assim, retire algumas relações e a experiência muda.*

*Talvez seja isso que eu estava tentando dizer desde o começo. A utilidade não precisa ser um ranking. Ela pode ser simplesmente participação na arquitetura de um acontecimento.*

*O mundo acontece porque coisas encontram coisas. Uma mão encontra uma corda. Uma palavra encontra um ouvido. Uma pessoa encontra outra.*

*E o que era apenas possibilidade ganha forma.*

### VOZ II · O AUTOR

Aqui a ciência fica bonita sem precisar fingir poesia. Som é vibração mecânica; depende de fonte, meio, propagação e recepção. Música acrescenta organização temporal, expectativa, memória e significado. O fenômeno que eu vivo não está inteiro em uma única peça.

A teoria de sistemas ajuda a chamar isso de emergência: propriedades do conjunto aparecem a partir da organização das relações e não podem ser compreendidas apenas enumerando componentes isolados. Gibson acrescentaria que o instrumento oferece possibilidades de ação em relação às capacidades de quem o toca. Heidegger lembraria que o violão não aparece apenas como madeira observada de fora; ele pertence a uma rede de tocar, ouvir, cantar, lembrar.

É por isso que gosto dessa imagem. Ela sustenta minha tese sem transformar ninguém em objeto. O violão não precisa ser humano para me ensinar que função, significado e relação podem nascer juntos.

### VOZ III · A TCI

*Se  $S_{\text{música}} = f(\text{componentes, relações, ambiente, observador, } t)$ , então a contribuição de cada elemento depende das conexões E. Propriedades emergentes aparecem no sistema sem estarem integralmente contidas em uma parte isolada. A utilidade é também arquitetura relacional.*

## **PARTE II - UMA CASA ONDE TUDO PARTICIPA**

*O afeto, a casa e a natureza mostram funções que não cabem numa planilha.*

## CAPÍTULO 5

**O abraço, a breguice e o fazer falta**

## VOZ I · PENSAMENTO

*Senhor, eu quero falar de utilidades que uma planilha não sabe contar.*

*Um abraço é útil.*

*O abraço do meu filho não paga uma conta, não termina um processo, não conserta um equipamento. Ainda assim, alguma coisa muda quando aquele corpo pequeno corre na minha direção. Eu não consigo chamar isso de irrelevante só porque não consigo colocar numa célula do Excel.*

*O pai é útil para o filho quando leva à escola, quando ensina, quando senta, quando protege, quando percebe que a criança ficou quieta demais. E o filho é útil para o pai com a sua presença, o carinho, o abraço, a capacidade de fazer um adulto reorganizar o próprio tempo.*

*O namorado precisa da namorada. Da conversa. Do beijo. Do abraço. Do olhar. Da flor. Do bilhete. Da breguice. Das palavras românticas. Eu gosto dessa palavra, breguice, porque ela lembra que o afeto não precisa pedir licença para ser bonito.*

*Eu gosto de fazer falta para quem eu amo. E gosto de saber que algumas pessoas fazem falta para mim. Uma cadeira vazia não é apenas uma cadeira quando alguém costumava sentar ali. Um telefone que não toca é apenas silêncio até o momento em que existia uma voz esperada.*

*Eu não quero construir maturidade como impermeabilidade. Quero uma vida em que as pessoas possam entrar de verdade o suficiente para que a presença delas faça diferença.*

*Fazer falta, às vezes, é apenas a prova silenciosa de que uma existência encontrou lugar em outra.*

## VOZ II · O AUTOR

Martin Buber me ajuda aqui porque sua filosofia começa justamente na relação. O encontro humano não se esgota no uso de uma coisa por outra. Há uma forma de presença em que o outro comparece como alguém, e esse encontro modifica o próprio modo de existir.

Viktor Frankl também insiste numa direção que me interessa: o sentido humano não se fecha no próprio eu; ele se abre para algo a realizar e para alguém a amar. Eu não preciso fazer desses autores uma assinatura embaixo da minha oração. Eles apenas mostram que minha pergunta pertence a uma tradição ampla: o ser humano cresce também no movimento para fora de si.

Quando digo que o abraço é útil, não transformo amor em ferramenta. Eu reconheço um efeito real. Algumas das forças mais importantes de uma vida não fazem barulho de máquina; fazem barulho de porta abrindo, de riso, de cadeira puxada, de alguém dizendo “cheguei”.

## VOZ III · A TCI

$M = \Phi(O, R)$ . O mesmo gesto recebe pesos diferentes conforme trajetória, vínculo e contexto. Utilidade afetiva é situada. Sua baixa mensurabilidade não implica inexistência: o observador pode registrar  $\Delta M$  relevante mesmo quando o efeito não é facilmente convertido em número.

## CAPÍTULO 6

## Uma casa onde tudo participa

## VOZ I · PENSAMENTO

*Eu volto para a casa, Senhor.*

*Desta vez eu não entro perguntando se a parede está reta. Eu entro olhando para a utilidade das coisas.*

*A mesa sustenta o prato, mas também o caderno, a ferramenta, o brinquedo, a mão de alguém durante uma conversa difícil. A sala reúne. O quarto guarda o cansaço. A janela deixa a luz entrar e mostra a chuva. O corredor, que parece apenas espaço entre dois lugares, é por onde as pessoas se chamam.*

*No jardim, quase nada está sozinho. Terra, raiz, água, fungo, inseto, folha, luz, matéria que se decompõe e volta para o solo. Uma coisa termina e outra começa a usar aquilo que ficou.*

*Eu penso naquela gota de chuva que toca uma pétala. Talvez ela evapore. Talvez escorra pelo caule e caia na terra. Talvez nem alcance a raiz daquela flor. Ainda assim participa de um ciclo maior que eu não vejo inteiro. A raiz absorve água do solo. A planta transporta. A folha transpira. O céu recebe de volta aquilo que parecia ter desaparecido.*

*A ciência não tirou a poesia da cena. Fez a cena ficar maior.*

*Uma casa onde nada participa não é uma casa; é um desenho de peças que não se encontram. Eu também não quero viver assim.*

*Eu quero ter lugar. Quero dar lugar. Quero que minha presença tenha relação com aquilo que está ao redor.*

## VOZ II · O AUTOR

É aqui que “romance da ciência” encontra a melhor expressão. A botânica corrige a imagem sem destruí-la: a água não precisa descer pela pétala até a raiz como se a planta fosse um canudo invertido. A gota pode correr para o solo; a raiz absorve; o xilema conduz água e sais para regiões superiores; transpiração e gradientes físicos participam desse transporte. A precisão torna a contemplação mais rica.

Bertalanffy descreveu sistemas abertos justamente pela troca com o ambiente. Uma casa, uma planta, um organismo e uma organização não existem como blocos impermeáveis. Recebem matéria, energia, informação e produzem respostas. Essa linguagem científica converge com a imagem que eu trouxe: estrutura não significa solidão das partes.

A minha tese permanece simples: existir dentro de um sistema é participar de relações, mesmo quando a função não está visível a todo instante. Um livro fechado preserva uma leitura possível. Um quarto vazio preserva espaço. Um violão silencioso preserva música possível.

## VOZ III · A TCI

$U(x,S,t)$  pode ser atual ou potencial. A ausência de saída visível em  $t$  não implica ausência de possibilidades em  $t+n$ . Modelos que observam apenas produção imediata comprimem a trajetória e ignoram funções latentes, reservas e relações futuras.

## PARTE III - O COMÉRCIO DA EMOÇÃO

*A parte pode ser verdadeira e ainda assim não ser o todo.*

## CAPÍTULO 7

**Quando a emoção vira mercadoria**

## VOZ I · PENSAMENTO

*Senhor, hoje eu quero falar direto.*

*Eu abro uma rede social e alguém me explica em vinte segundos como amar. Outra pessoa me explica quando ir embora. Outra dá nome ao que eu sinto antes de me perguntar qualquer coisa. Outra recorta uma frase de um filósofo, coloca uma música por trás e entrega aquilo como se tivesse encontrado a chave da vida.*

*Esse é o ponto que me revolta: muitas vezes o recorte não é mentira. Ele pode conter uma verdade. Pode ter vindo de um livro real. Pode funcionar para alguém. E justamente por isso ganha força.*

*Depois recebe legenda, certeza, promessa, método, pacote, curso, consulta, assinatura. A parte começa a ser vendida com a roupa da totalidade.*

*É isso que eu chamo de comércio da emoção.*

*Eu não tenho problema com alguém vender um livro. Eu escrevo livros. Eu trabalho. Eu presto serviços. O problema está em transformar uma dor humana, cheia de história, em matéria-prima para uma certeza fácil que precisa se repetir para continuar vendendo.*

*“Você não precisa de ninguém.” “Se faz falta, é dependência.” “Se você ajuda, está se anulando.” “Se você sente isso, significa aquilo.”*

*Frases assim podem nascer de algum contexto. O perigo começa quando chegam sem contexto e ocupam o lugar da pessoa inteira.*

*Eu não quero que ninguém pense por mim só porque eu estou cansado de pensar.*

## VOZ II · O AUTOR

Aqui minha crítica é epistemológica antes de ser profissional. O mercado da emoção é o nome que dou ao processo de converter uma experiência de alta dimensão em uma regra pequena e, depois, oferecer essa regra com a sensação de fechamento.

A TCI me dá uma linguagem muito própria para isso. Todo conteúdo comunica por compressão. Eu também comprimo quando escrevo um capítulo. A questão muda quando o recorte esconde a perda de informação e se apresenta como realidade integral. Uma frase pode carregar verdade e ainda não carregar o sistema inteiro do qual nasceu.

Esse mecanismo aparece em muitos campos: filosofia de bolso, psicologia de rede social, religião em slogan, ciência em manchete. O que vende depressa costuma oferecer pouca fricção. A realidade, porém, quase sempre oferece resistência.

Minha crítica não precisa acusar toda profissão nem toda pessoa. Ela já é suficientemente forte quando mostra o que um recorte faz com a complexidade.

## VOZ III · A TCI

*R\_complexa -> C -> M\_transmissível. Toda comunicação seleciona propriedades. O risco cresce quando a Ignorância Residual é ocultada e M é promovido a R. O comércio da emoção, neste volume, é a monetização ou circulação de M como se a compressão não tivesse perdido dimensões.*

## CAPÍTULO 8

# Freud inteiro não cabe num corte de vídeo

### VOZ I · PENSAMENTO

*Eu pensei em Freud, Pai.*

*No meu desabafo eu pensei em Id, Ego e Superego. Pensei em como uma pessoa vulnerável pode ouvir tantas vezes uma explicação sobre si que, em algum momento, começa a repetir aquela explicação com a própria voz.*

*Mas se eu estou criticando recortes, eu não posso recortar Freud para caber na minha indignação.*

*Então eu volto um pouco.*

*Id, Ego e Superego são uma construção teórica de Freud para pensar conflitos psíquicos, desejos, mediação com a realidade, normas internalizadas. Eles não são três botões escondidos dentro da cabeça. Ninguém aperta o Id de outra pessoa como quem aperta um interruptor.*

*O que eu queria dizer continua de pé, só precisa ser dito melhor.*

*Uma pessoa pode receber palavras, enquadramentos, repetições, autoridade, nomes para aquilo que sente. Pode começar a enxergar a própria história pelo vocabulário que alguém ofereceu. Pode dar mais peso a certas memórias e menos a outras. Pode repetir uma frase até ela parecer anterior à própria pergunta.*

*É disso que estou falando quando digo que o mercado da emoção pode tentar conduzir a leitura que fazemos de nós mesmos.*

*Eu não preciso deformar Freud para sustentar minha crítica. Na verdade, respeitar a complexidade dele fortalece exatamente aquilo que estou dizendo: ninguém cabe num corte.*

### VOZ II · O AUTOR

Freud elaborou o modelo estrutural do aparelho psíquico no início do século XX, especialmente em O Ego e o Id. Id, Ego e Superego são conceitos teóricos inter-relacionados, não regiões físicas nem mecanismos simples de controle externo.

A minha correção nasce dentro da Voz I porque o livro é meu e a responsabilidade da precisão também precisa ser minha. A crítica ao comércio da emoção fica mais interessante quando abandona a fantasia de um “controle do Id” e observa algo mais plausível: a formação de narrativas, a saliência produzida por repetição, a autoridade atribuída a quem nomeia a experiência, a força social de categorias que passam a organizar a percepção.

A própria história de Freud reforça a tese deste volume: uma obra enorme foi transformada, muitas vezes, em três palavras. O recorte é tão conhecido que pode parecer a obra inteira. Não é.

### VOZ III · A TCI

*Na TCI, influência pode ser descrita como perturbação externa  $P_{ext}$  que altera pesos de propriedades em  $M$ . Repetição, autoridade e contexto podem modificar representações.  $P_{ext} \rightarrow \Delta M$  não significa controle total de  $O$ . A diferença entre influência e domínio integral preserva a complexidade do sistema.*

## CAPÍTULO 9

# Os pensadores não precisam concordar comigo

### VOZ I · PENSAMENTO

*Pai, eu pensei numa coisa que me deu liberdade.*

*Eu não preciso chamar Aristóteles, Kant, Heidegger, Buber, Frankl ou Freud para ajoelhar diante daquilo que eu quero dizer.*

*Eu posso ler. Posso aprender. Posso concordar. Posso discordar. Posso chegar a outro lugar.*

*Eu também sou observador. Eu também sou alguém tentando pensar a realidade.*

*Aristóteles olhou para a natureza e falou de causas e fins. Kant foi muito mais cuidadoso com aquilo que podemos afirmar como finalidade objetiva. Heidegger percebeu que uma ferramenta aparece dentro de uma rede de usos e referências. Gibson, séculos depois, encontrou na percepção uma linguagem de possibilidades de ação. Buber colocou a relação no centro de uma forma de existência. Frankl falou de sentido que se abre para além de si.*

*Eu ouço todos eles.*

*Depois volto ao meu violão.*

*A corda ainda está ali. A mão ainda encontra a corda. A música ainda depende de relações. E eu continuo pensando que utilidade é uma palavra possível para nomear parte desse encontro.*

*Talvez Kant não assinasse minha frase do jeito que escrevi. Tudo bem. Talvez Aristóteles a entendesse por outra chave. Tudo bem também.*

*O livro não perde autoria porque um grande pensador não concordaria integralmente comigo. Perderia autoria se eu precisasse falsificar o pensamento dele para parecer que concorda.*

*Eu quero dialogar sem pedir autorização para pensar.*

### VOZ II · O AUTOR

Esse capítulo devolve uma coisa essencial: filosofia não é coleção de frases usadas como testemunhas de defesa. É confronto prolongado com problemas.

Aristóteles oferece uma tradição teleológica em que certos processos são inteligíveis também por seus fins. Kant, na Crítica da Faculdade de Julgar, trata a purposividade da natureza com cautela e não a transforma simplesmente em prova empírica de intenção universal. Heidegger descreve a instrumentalidade dentro de uma totalidade de referências. Gibson descreve affordances como possibilidades de ação na relação organismo-ambiente.

Essas tradições não são iguais, e eu não quero fingir que são. A minha posição nasce no encontro com elas: no plano científico, falo de função, relação, organização, efeito e possibilidade; no plano existencial e da fé, permito-me falar de propósito. Uma linguagem não precisa fingir que é a outra.

É assim que a ciência pode entrar no romance sem expulsar Deus da oração e sem transformar fé em dado de laboratório.

### VOZ III · A TCI

*A TCI não exige submissão autoral a um cânone. O observador O constrói M a partir de R acessível, trajetória e referências. Grandes pensadores ampliam o conjunto de propriedades disponíveis; não substituem o observador. Divergência fundamentada também é atualização de modelo.*

## PARTE IV - A UTILIDADE DO QUE EXISTE

*A oração volta ao caos, à própria trajetória e ao mundo que realmente alcança.*

## CAPÍTULO 10

# A utilidade no caos

### VOZ I · PENSAMENTO

*Eu penso na utilidade no caos, Senhor.*

*No rasgo do bolo. Na chuva que destruiu o jardim. Na arena. No caminho. Nas coisas que eu gostaria que nunca tivessem acontecido.*

*E aqui eu preciso falar do meu jeito, sem cair naquela frase pronta de que tudo é uma escola.*

*Eu não quero dizer que a chuva destruiu para ensinar. Não quero dizer que o bolo precisava rasgar. Não quero dizer que uma perda foi enviada para me transformar. Algumas coisas apenas doeram. Algumas coisas eu ainda preferia que não tivessem acontecido.*

*Mas aconteceram.*

*E quando algo acontece, entra na realidade da trajetória. Deixa informação. Deixa marca. Muda posição. Muda escolha. Às vezes mostra onde uma parede era fraca. Às vezes revela quem ficou. Às vezes revela onde eu mesmo preciso mudar.*

*O galho que caiu pode me ensinar sobre o vento sem que o vento tenha tido a intenção de me ensinar. A água que entrou na casa pode mostrar a falha da contenção sem que a enchente tenha sido uma professora. O rasgo pode me fazer olhar o restante do bolo sem que eu precise agradecer pelo rasgo.*

*É nessa região que eu encontro utilidade até no caos: na possibilidade de que aquilo que já entrou na minha história não termine necessariamente estéril.*

*Eu não absolvo o que doeu. Eu trabalho com o que existe agora.*

### VOZ II · O AUTOR

Aqui eu prefiro a palavra “consequência” quando a ciência fala e a palavra “sentido” quando a experiência fala. Um acontecimento produz efeitos; o sistema responde; informação pode ser reutilizada. Isso não prova uma finalidade prévia.

Essa distinção não enfraquece minha visão existencial. Ela a protege. Eu continuo afirmando que a realidade pode adquirir utilidade pela forma como entra em relações posteriores. O que eu recuso é a obrigação de chamar toda dor de presente disfarçado.

Frankl é frequentemente reduzido a uma caricatura de que “sofrer gera sentido”. Sua obra é mais cuidadosa: mesmo diante do inevitável, permanece uma pergunta sobre atitude e significado. A diferença é enorme. Eu não preciso desejar a ferida para decidir o que farei com a cicatriz.

Talvez o sentido mais maduro de utilidade seja exatamente esse: capacidade de produzir nova possibilidade com aquilo que o tempo já tornou irreversível.

### VOZ III · A TCI

*Persistência Causal:  $P(t_0)$  altera a trajetória e seus efeitos podem permanecer em  $t_1$ . O agente pode usar propriedades derivadas do evento para atualizar  $M$  e selecionar ações.  $P(t_0) \rightarrow \text{efeitos} \rightarrow \text{atualização}(t_1)$  não exige finalidade prévia. A utilidade pode emergir na resposta.*

## CAPÍTULO 11

# O mundo que realmente me alcança

### VOZ I · PENSAMENTO

*Eu não posso mudar a humanidade inteira, Pai.*

*No Volume VIII eu tentei viver, por alguns minutos, milhares de vidas na imaginação. O homem na calçada. A mulher preocupada com a parcela da televisão e com o emprego do marido. O homem da reunião. Quem recebeu uma promoção. Quem recebeu um diagnóstico difícil.*

*Eu não posso viver nenhuma dessas vidas.*

*Mas posso olhar para o mundo que realmente me alcança.*

*Meu filho me alcança. Minha família me alcança. As pessoas que trabalham comigo me alcançam. Um cliente chega com um problema e, por algum tempo, a realidade dele entra no meu campo. Um amigo manda uma mensagem. Alguém lê uma página minha. Alguém escuta uma música que eu toquei. Alguém pergunta uma coisa que eu talvez saiba responder.*

*É aqui que a pergunta fica concreta: como eu posso ser útil?*

*Eu posso estudar antes de orientar. Posso fazer um trabalho bem feito. Posso ouvir. Posso ensinar. Posso admitir que não sei. Posso colocar café para alguém. Posso brincar com meu filho. Posso escrever uma oração. Posso não deixar que as perdas me transformem numa pessoa que só sabe retirar do mundo.*

*A moralidade do outro não pode decidir a minha moralidade.*

*Se alguém usou aquilo que eu ofereci de forma errada, o erro foi dele. Eu posso aprender limite sem renunciar à bondade. Posso fechar uma porta sem demolir a casa inteira.*

*Eu quero continuar doando alguma coisa verdadeira ao mundo que de fato me encontra.*

### VOZ II · O AUTOR

O movimento final do volume reduz a escala sem reduzir a importância. Depois de falar em humanidade, sistemas e pensadores, eu volto ao raio concreto de ação.

Isso também é coerente com a própria TCI: meu observador não alcança R integral. Eu atuo dentro de uma região acessível. A pergunta ética e existencial deixa de ser “como resolvo tudo?” e passa a ser “o que a minha presença torna possível aqui?”.

A frase “a moralidade do outro não pode decidir a minha moralidade” merece permanecer porque ela devolve autoria à conduta. Limite, prudência e memória podem mudar; a escolha de não transformar decepção em esterilidade continua sendo minha.

É um pensamento simples, mas talvez seja um dos mais difíceis de viver.

### VOZ III · A TCI

Defina  $A_O(t)$  como o espaço de ação acessível ao observador O no tempo t. O não controla R, mas pode selecionar ações em  $A_O(t)$ . Utilidade prática emerge localmente: contribuição possível dentro das relações efetivamente alcançadas.

## CAPÍTULO 12

# Faça-me útil

### VOZ I · PENSAMENTO

*Pai.*

*Eu não quero falar muito mais hoje.*

*Depois de dar tantas voltas nessa palavra, eu volto ao pedido mais simples.*

*Faz-me útil.*

*Faz meu conhecimento servir quando ele puder servir. Faz minha sensibilidade perceber. Faz minhas mãos trabalharem. Faz minha presença não ser vazia para quem eu amo. Faz minhas perguntas abrirem caminho quando eu ainda não tiver resposta.*

*Se meu filho quiser falar, me deixa ouvir antes de transformar tudo em lição. Se alguém souber mais do que eu, me deixa aprender sem orgulho. Se eu puder resolver um problema, me dá disposição. Se eu não puder, me dá honestidade para não vender uma certeza que eu não tenho.*

*Eu quero ser como o violão que não é a música inteira, mas participa dela quando encontra a mão, o ar e o ouvido. Quero ser como a janela que não cria o sol, mas deixa a luz entrar. Quero ser como a mesa que sustenta encontros sem precisar aparecer na conversa.*

*As perdas que eu tive não precisam mudar quem eu sou para pior. Eu quero continuar fazendo. Continuar acreditando. Continuar sendo bom. Continuar construindo.*

*Eu não preciso ser útil para todos. Nem o tempo todo. Nem como salvador.*

*Quero apenas que, em algum ponto da trajetória de alguém, a minha existência tenha acrescentado alguma coisa verdadeira.*

*Tudo que eu peço ao Senhor é que me faça útil.*

*Amém.*

### VOZ II · O AUTOR

Eu termino voltando ao lugar em que a oração começou: participação. O pedido “faz-me útil” não exige grandiosidade. Ele pede relação, presença e disponibilidade para que aquilo que eu sou encontre alguma possibilidade de bem no mundo que me alcança.

O violão, a janela e a mesa permanecem porque conseguem carregar ciência e poesia ao mesmo tempo. Cada um participa sem conter o todo. Talvez eu também seja assim.

A utilidade existencial que defendo não precisa de uma régua moral externa para existir. Ela aparece quando uma existência recebe, produz, sustenta ou abre possibilidades em relação. O mau uso feito por outra pessoa não apaga a realidade da contribuição; apenas mostra que uma relação também pode ser moralmente mal conduzida.

Eu continuo sendo autor da pergunta e da resposta que escolho dar a ela.

### VOZ III · A TCI

*Síntese:  $U(x,S,t)$  descreve participação contextual, atual ou potencial.  $M$  permanece menor que  $R$ ;  $X$  continua aberto. A incompletude do observador não torna a existência estéril. Relações locais produzem efeitos reais e atualizam trajetórias.*

## EPÍLOGO - A música possível

### VOZ I · PENSAMENTO

*Pai.*

*Eu termino este volume com o violão ainda perto de mim.*

*Talvez eu toque depois. Talvez não. Por enquanto eu só olho para ele e lembro que o silêncio não apagou a música possível.*

*Penso na casa. Na mesa. Na janela. Na gota de chuva. No jardim depois da tempestade. No rasgo do bolo. Na arena. Penso nas frases que atravessam uma tela e chegam prontas demais. Penso nos livros inteiros que existem atrás de algumas dessas frases.*

*E penso em mim.*

*Durante muito tempo eu procurei respostas para aquilo que me acontecia. Depois tentei enxergar o mundo acontecendo em milhares de vidas. Agora eu volto para uma pergunta menor: o que a minha existência faz quando encontra aquilo que realmente está diante dela?*

*Talvez eu nunca consiga medir. Uma orientação pode ter evitado um erro sem que eu saiba. Uma música pode ter deixado uma noite mais bonita. Um abraço pode ter durado segundos e permanecido anos na memória de alguém. Uma página pode chegar a uma pessoa quando eu já estiver escrevendo outro livro.*

*Eu não sei.*

*E não saber todos os efeitos não me obriga a viver como se nenhum efeito existisse.*

*Eu quero continuar estudando. Trabalhando. Escrevendo. Cuidando da minha casa. Amando meus filhos. Tocando música. Aprendendo. Percebendo quem está perto.*

*Quando eu voltar à cabana, vou levar essa palavra comigo.*

*Útil.*

*Não como preço. Não como uma cobrança de produção. Como presença que encontra presença. Como possibilidade. Como relação. Como uma existência que, porque está viva, ainda pode participar.*

*Senhor, se eu estiver vivo, me deixa participar da vida.*

*Faz-me útil.*

*Amém.*

### VOZ II · O AUTOR

O livro termina sem pedir que a ciência prove uma finalidade metafísica universal e sem abandonar a palavra propósito no campo existencial. A tese autoral se tornou mais precisa: o que existe pode entrar em relações, exercer funções, oferecer possibilidades, receber efeitos e produzir novos estados. Para mim, chamar isso de utilidade devolve dignidade à participação.

O comércio da emoção retorna como contraponto epistemológico: uma frase pode ser útil, desde que não exija o direito de encerrar a realidade. O violão pode me ensinar muito; ainda assim, ele não é o universo inteiro. A mesma humildade serve para qualquer modelo, inclusive o meu.

### VOZ III · A TCI

$M = \Phi(O, R)$ .  $U(x, S, t)$  é contextual.  $X$  permanece aberto. A incompletude não elimina função; impede apenas que uma função, uma frase ou um modelo seja confundido com a realidade inteira.

# Caderno conceitual - Utilidade existencial, ciência e TCI

## 1. UTILIDADE EXISTENCIAL

Neste volume, utilidade significa participação atual ou potencial de uma existência em relações capazes de produzir, sustentar ou abrir possibilidades. Ela não é sinônimo de preço, produtividade nem dignidade.

## 2. PROPÓSITO, FUNÇÃO E CIÊNCIA

A ciência descreve funções, causalidade, organização, interdependência e possibilidades de ação. Uma finalidade metafísica universal não é tratada como fato experimental. O autor usa “propósito” no plano existencial e de fé: o modo como uma presença pode participar de algo que a transcende.

## 3. AFFORDANCES

Na psicologia ecológica de J. J. Gibson, affordances são possibilidades de ação oferecidas na relação organismo-ambiente. A ideia ajuda a compreender por que utilidade pode ser relacional: uma superfície oferece apoio para certos corpos; uma corda oferece possibilidades musicais a quem pode tocá-la.

## 4. SISTEMAS E EMERGÊNCIA

Em Bertalanffy e na teoria de sistemas, o comportamento do todo depende da organização das relações. Música, casa, jardim e organizações ilustram que propriedades podem emergir de configurações, não apenas de componentes isolados.

## 5. HEIDEGGER E A REDE DE REFERÊNCIAS

Em Ser e Tempo, utensílios aparecem dentro de contextos de uso e referência. A caneta remete ao papel, à mesa e ao escrever. O livro aproxima essa intuição da ideia de utilidade como participação contextual.

## 6. TELEOLOGIA SEM FALSIFICAÇÃO

Aristóteles oferece uma tradição de explicações por fins. Kant é mais cauteloso quanto à objetividade de uma finalidade na natureza. O autor não precisa transformar nenhum deles em aliado automático: assume sua própria posição e distingue diálogo filosófico de prova científica.

## 7. FREUD E O PROBLEMA DO RECORTE

Id, Ego e Superego são conceitos do modelo estrutural freudiano. Não são botões psicológicos. O livro usa Freud para mostrar como uma obra complexa pode ser reduzida a três palavras e recolocada em discursos que já não preservam seu contexto.

## 8. COMÉRCIO DA EMOÇÃO

É a expressão autoral para a circulação ou venda de compressões emocionais que escondem a perda de contexto e oferecem fechamento prematuro. Em TCI:  $R_{complexa} \rightarrow M_{recorte}$ ; o problema começa quando M é apresentado como se fosse R.

## 9. UTILIDADE NO CAOS

Um evento doloroso pode entrar na trajetória e produzir informação ou reorganização posterior sem que isso prove que ocorreu para ensinar. Persistência Causal descreve continuidade de efeitos; finalidade anterior é uma questão diferente.

## 10. FORMULAÇÃO TCI

$U(x,S,t)$  representa contribuição ou possibilidade de x no sistema S no tempo t.  $M = \Phi(O,R)$ .  $\dim(M) < \dim(R)$ . X permanece como região não acessada. Função é real sem ser totalidade.

## Referências

ARISTÓTELES. Física. Livro II. Discussões sobre causas e finalidade na natureza.

ARISTÓTELES. Ética a Nicômaco. Especialmente livros I, VIII e IX.

BÍBLIA SAGRADA. 2 Timóteo 3:1-5; 1 Coríntios 12:12-27; Eclesiastes 4:9-12, entre outras passagens evocadas na série.

BUBER, Martin. Eu e Tu (Ich und Du). 1923.

FRANKL, Viktor E. Em Busca de Sentido; textos de logoterapia e análise existencial.

FREUD, Sigmund. O Ego e o Id (Das Ich und das Es). 1923.

GIBSON, James J. The Ecological Approach to Visual Perception. 1979.

HEIDEGGER, Martin. Ser e Tempo (Sein und Zeit). 1927.

KANT, Immanuel. Crítica da Faculdade de Julgar. 1790.

VON BERTALANFFY, Ludwig. General System Theory: Foundations, Development, Applications. 1968.

WITHAGEN, R.; DE POEL, H. J.; ARAÚJO, D.; PEPPING, G.-J. Affordances can invite behavior: reconsidering the relationship between affordances and agency. *New Ideas in Psychology*, 2012.

BATISTA, Nedson Moreira. Teoria da Compressão da Ignorância e da Perturbação Sistêmica (TCI). Versão 16.0. DOI: 10.5281/zenodo.21315591.

BATISTA, Nedson Moreira. Deus: Como Eu Te Observo. Volumes I-VIII. Monte Mor, 2026.

## Sobre o autor

Nedson Moreira Batista é pesquisador independente e profissional de atuação interdisciplinar, com formação e experiência nas áreas de saneamento ambiental, química, regulação sanitária, conformidade regulatória, auditoria, qualidade, gestão de riscos, ciência de dados, inteligência artificial e sistemas complexos.

É autor da Teoria da Compressão da Ignorância e da Perturbação Sistêmica (TCI), programa independente de pesquisa dedicado à relação entre observador, representação, incerteza, trajetória e tomada de decisão. Em sua produção literária religiosa, escreve a série Deus: Como Eu Te Observo, construída a partir de orações, contemplações e pensamentos em primeira pessoa.

No Volume IX, a palavra utilidade é recuperada em sentido existencial e relacional. O autor aproxima oração, filosofia, teoria de sistemas, psicologia ecológica e TCI sem transformar essas linguagens em equivalentes. A autoria permanece no centro: grandes pensadores entram em diálogo; não substituem o observador que escreve.